
A Narrativa Depois Que O Protagonista Morre: Uma análise da representação póstuma de Eduardo Campos nos jornais pernambucanos.¹

Vítor S. AGUIAR²

Carolina D. FIGUEIREDO³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

O presente artigo visa analisar matérias sobre dois escândalos de corrupção que envolvem o nome de Eduardo Campos nos dois maiores jornais recifenses na ANJ: Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio, através de seus portais. Visando identificar o tratamento da mídia local à imagem de Campos, o trabalho cotraçamparativo com os dois maiores jornais do país na ANJ (O Globo e Folha de São Paulo, por seus portais), tomados como “amostra branco”, e por análise baseada na bibliografia de autores como Eni Orlandi e Maria Gregolin, para a análise de discurso e Franklin Martins, para traços do jornalismo político.

PALAVRAS-CHAVE: representação póstuma, Eduardo Campos, Pernambuco, jornalismo, política.

INTRODUÇÃO

A imparcialidade jornalística é mito, por exemplo da ex-presidente da ANJ.

“A liberdade de imprensa é um bem maior que não deve ser limitado. A esse direito geral, o contraponto é sempre a questão da responsabilidade dos meios de comunicação. E, obviamente, esses meios de comunicação estão fazendo de fato a posição oposicionista deste país, já que a oposição está profundamente fragilizada. E esse papel de oposição, de investigação, sem dúvida nenhuma incomoda sobremaneira o governo”. (BRITO, 2010)⁴.

Segundo o Vox Populi, em 2015⁵ apenas 47% da população cria que a “grande mídia” tratava os partidos de maneira igualitária. O cenário se expande à mídia de Pernambuco, exemplo é um caderno especial do Diário de Pernambuco em março de 2014, durante a gestão de Eduardo Campos.

¹Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018;

² Aluno do 5º período de Comunicação Social - Jornalismo na Universidade Federal de Pernambuco. Email: vitorsaguiar@yahoo.com.br;

³ Doutora em comunicação (UFPE), professora da Universidade Federal de Pernambuco. Email: caroldantasfigueiredo@hotmail.com;

⁴ BRITO, Maria J. Entidades de imprensa e Fecomercio estudam ir ao STF contra plano de direitos humanos: depoiment. [18 mar 2010] Rio de Janeiro, Jornal O Globo. Entrevista concedida a Tatiana Farah;

⁵ COIMBRA, Marcos. A mídia e sua imagem. *CartaCapital*. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/revista/889/a-midia-e-sua-imagem>> Acesso em 07 out 2017;

“Em 24 páginas, o caderno é só elogios à gestão do governador pernambucano Eduardo Campos, pré-candidato à presidência da República e que deverá se descompatibilizar do cargo até o dia 4 de abril. Dados oficiais – sempre positivos – sobre educação, mobilidade, infraestrutura, finanças, cultura, saúde, turismo, economia, segurança pública, política fiscal e agricultura desfilam pelas matérias (sic) em que não há nenhuma declaração ou ponto de vista que não seja o de secretários do governo. Não se trata de exagero, é exatamente isto: não há sequer uma única fala de qualquer sujeito que não seja integrante da gestão”. (OMBUDSPE, 2014, grifo do autor)⁶.

Muitos fatores influenciam no tratamento de um veículo a um político. Aprovação, família, publicidade oficial. No governo, Eduardo sempre teve bons índices com a população, o Datafolha, em dezembro de 2010⁷, o indicou como melhor governador do Brasil, e o IPMN⁸, em 2017⁹, como o melhor da história do estado. Eduardo é neto de Miguel Arraes¹⁰ e filho de Ana Arraes¹¹, membro de uma linhagem familiar que envolve João¹² e Marília Arraes¹³, Maurício Rands¹⁴, Paulo Câmara¹⁵, Antônio¹⁶, João Henrique e Maria Eduarda Campos¹⁷. Além disso, os gastos com publicidade oficial superaram, em 2012, os em transporte escolar ou manutenção dos imóveis da rede de ensino¹⁸.

Considerando as premissas, o presente artigo visa analisar o tratamento póstumo dos jornais pernambucanos a Eduardo Campos, identificando se há diferença com relação

⁶ OMBUDSPE. Jornalismo ou publicidade? Caderno especial do Diário, pago por empresas e prefeituras, é só elogios ao governador. *Centro de cultura Luiz Freire, OmbudsPE, Análises*. Olinda, mar 2014. Disponível em <<http://ombudspe.org.br/analises/jornalismo-ou-publicidade-caderno-especial-do-diario-pago-por-empresas-e-prefeituras-e-so-elogios-ao-governador>> Acesso em 07 out 2017;

⁷ DATAFOLHA. Ranking de Governadores. *Instituto de Pesquisa Datafolha, Opinião Pública, Avaliação de governo*. São Paulo, dez 2010. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/05/02/rank_gov_27122010.pdf>. Acesso em 07 out 2017;

⁸ Instituto de Pesquisas Maurício de Nassau;

⁹ BENITES, Francisco. Para pernambucanos, Eduardo Campos foi o melhor governador do Estado. *Jornal do Commercio*. Disponível em <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/politica/pernambuco/noticia/2017/04/01/para-pernambucanos-eduardo-campos-foi-o-melhor-governador-do-estado-276580.php>> Acesso em 07 out 2017;

¹⁰ Deputado estadual entre 1950 e 1958, prefeito do Recife entre 1959 e 1962, pelo Partido Social Democrático, governador de Pernambuco pelo Partido Social Trabalhista, de 1963 até 1964. Posteriormente, deputado federal de 1983 a 1987 e governador de 1987 a 1990 pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro, deputado federal de 1991 a 1995 e 2003 a 2005 e governador de 1995 a 1998 pelo Partido Socialista Brasileiro;

¹¹ Deputada federal entre 2007 e 2011 pelo PSB e Ministra de Tribunal de Contas da União desde 2011;

¹² Primo em segundo grau de Eduardo, vereador do Recife entre 1993 e 2012 pelo PSB;

¹³ Prima de Eduardo, vereadora do Recife desde 2009, pré-candidata ao governo no Partido dos Trabalhadores (PT);

¹⁴ Primo da esposa de Eduardo, Renata Campos, deputado federal pelo PT entre 2003 e 2012, quando filiou-se ao PSB, sócio dos jornais Diário de Pernambuco e AquiPE desde 2015;

¹⁵ Casado com Ana Luiza, prima de Eduardo, ex-Secretário de Administração, de Turismo e da Fazenda de Pernambuco e governador do estado desde 2015 pelo PSB;

¹⁶ Irmão de Eduardo, candidato à prefeitura de Olinda em 2016 pelo PSB, filiado ao Podemos desde 2017;

¹⁷ Filhos de Eduardo, respectivamente Chefe de Gabinete do Governo do Estado desde 2016 e Gerente do Instituto Pelópidas Silveira, da Prefeitura do Recife, desde 2016;

¹⁸ CARVALHO, Daniel. Provável candidato em 2014, Campos aumenta gastos com publicidade em PE. *Folha de São Paulo*. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/04/1267791-provavel-candidato-em-2014-campos-aumenta-gastos-com-publicidade-em-pe.shtml>> Acesso em 07 out 2017;

a mídias de outros estados, que não sofreriam as potenciais influências de Campos em cenário local.

EDUARDO CAMPOS

Eduardo Henrique Accioly Campos nasceu em 10 de agosto de 1965, no Recife. Em 1986, seu avô, deputado federal pelo PMDB, se candidatou ao governo de Pernambuco, Campos atuou na campanha e virou Chefe de Gabinete do Governo em 1987. Em 1990, seu avô e sua mãe, se filiaram ao PSB, Eduardo os seguiu. Eleito deputado estadual em 1991, foi três vezes deputado federal. Também foi Secretário de Governo do Recife, de Governo de Pernambuco, da Fazenda de Pernambuco e Ministro da Ciência e Tecnologia.

Em 2005, foi eleito presidente nacional do PSB, cargo que ocupou até sua morte. Em 2006, foi eleito governador de Pernambuco e quatro anos depois, reeleito com 82,84%¹⁹ dos votos válidos, na maior votação proporcional desde a redemocratização. Renunciou em abril de 2014, em prol de sua candidatura à Presidência, ao lado da candidata a vice, a ex-senadora acriana Marina Silva. A empreitada nacional terminou abruptamente. Em 13 de agosto, Eduardo faleceu em um acidente aéreo que vitimou sete pessoas. A comoção logo se instituiu e, entre velório e enterro, milhares de pessoas foram às ruas do Recife, incluso alguns de seus rivais políticos. Meses depois, Paulo Câmara, marido da prima de Campos e candidato à sucessão estadual pelo PSB foi eleito, apesar de nunca ter sido candidato a cargo público. Na mesma eleição, Marina, substituta Eduardo, foi a candidata mais votada em Pernambuco, o que só se repetiu em seu estado natal, o Acre.

ESCÂNDALOS

Após a morte, o nome de Eduardo Campos foi citado em denúncias e investigações de corrupção. No noticiário, dois momentos de muito destaque da imagem do ex-presidenciável foram o depoimento de Alberto Youssef, em três de março de 2015 e a denúncia de lavagem de dinheiro nas suas campanhas, em 21 de junho de 2016.

Considerando o apresentado, o artigo se dará através de uma análise de discurso de dois jornais locais de Recife (Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio, doravante

¹⁹ 3.450.874 votos para Eduardo Campos dentre 4.165.879 votos válidos, segundo os dados apurados e divulgados pelo TSE;

DP e JC) na cobertura dos casos em relação às posturas apresentadas por dois jornais nacionais (Folha de São Paulo e O Globo, doravante SP e RJ), como já dito, teoricamente isentos das potenciais influências de Eduardo em cenário local.

MARCO TEÓRICO

A análise de discurso (doravante AD) é uma ferramenta para compreensão da língua por elementos do discurso. Para Orlandi, o enfoque não está no sistema de signos ou nas regras gramaticais, mas no “simbólico, o social, a constituição do sujeito, a ideologia e a sua história” (2001, p. 15). Ou seja, não busca analisar as palavras do texto, mas os seus efeitos. Gregolin (1995) classifica o texto em três níveis, “um nível fundamental”, no qual surgem as temáticas básicas do texto; um “narrativo”, no qual um sujeito ordena os valores básicos; e um “discursivo”.

“Esses recursos do nível discursivo têm como objetivo estabelecer a relação entre o enunciador do texto e o enunciatário, permitindo a interpretação por meio de marcas espalhadas no texto. Essas marcas conduzem o leitor a perceber a orientação argumentativa e as relações entre o texto e o contexto em que foi produzido”. (GREGOLIN, 1995, p. 17).

Orlandi (2001) coloca a AD como um elemento que alia a linguística e as ciências sociais, se diferenciando delas por, respectivamente, ter o caráter histórico-social e ter elementos da linguagem como objeto de estudo. Podemos exemplificar com a afirmação de Gregolin, “é possível realizarmos uma análise interna (o que este texto diz?, como ele diz?) e uma análise externa (por que este texto diz o que ele diz?)” (GREGOLIN, 1995, p. 17, grifo do autor).

Na análise externa, cabe reflexão sobre ideologia, apontada por Orlandi como “condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (2001, p. 46). Assim, não há discurso inédito, o que o aparenta é um conjunto de discursos esquecidos suscetível a influências. Daí, pode-se até retomar a questão introdutória sobre o mito da imparcialidade. Orlandi aponta que, na inexistência do sujeito no texto, a ideologia se escancara no discurso, ou seja, a estrutura é interferida por fatores histórico-sociais. “As palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós” (ORLANDI, 2001, p. 20).

À ideologia, Gregolin define como “representações dominantes em uma determinada classe dentro da sociedade” (1995, p. 17), assim, variedade de classes gera

variedade de ideologias. Essa seria a visão de uma classe sobre sua sociedade e o mundo, “a maneira como ela representa a ordem social” (1995, p. 17). O fator que congrega a relação entre enunciados e ideologia é, para Orlandi (2001), fundamental para a compreensão dela. Ela o classifica como formações discursivas. Elas têm representadas as formações ideológicas, que são particularidades e pensamentos de um grupo social, que reafirmam o conceito de que todo texto é produzido ideologicamente.

“Mesmo sem a intenção consciente, o que falamos é afetado pela língua e pela história, pois os sentidos não estão somente nas palavras, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem unicamente das intenções dos sujeitos. Para a AD, a linguagem está materializada na ideologia e a ideologia se manifesta na língua, pois não há discurso sem sujeito, sujeito sem ideologia, nem sujeitos e sentidos estão completos”. (ORLANDI, 2003 apud MONTEIRO, 2006, p. 4).

Para destrinchar os elementos discursivos do texto, Gregolin afirma que “a AD precisa realizar uma análise que alie o interno (discursivização) e o externo (relação enunciado/enunciação)” (1995, p. 18, grifo do autor). Para tal, Orlandi (2001) afirma que o analista não deve buscar neutralidade, mas uma posição relativa, não afetada pela ideologia. Assim, a autora trabalha três definições, inteligibilidade, interpretação e compreensão, o que dá sentido, o sentido e como a enunciação produz sentido. Daí, a autora conclui que a interpretação é intrínseca ao sentido e a ideologia, à interpretação.

A etapa interpretativa se dá, para Orlandi, dividida entre elementos subjetivos para o analista e os elementos de embasamento processual da AD. A autora considera que a relação entre interpretação e análise se interpola em duas fases, uma que integra o *corpus* e outra que envolve a ciência da interpretação intrínseca ao analista. Assim, duas análises do mesmo objeto podem obter resultados díspares. Então, a AD permite

“a) problematizar as maneiras de ler, por levar o sujeito falante ou o leitor a se indagar sobre o que produz e o que ouve; b) levar o indivíduo a perceber que não pode não estar sujeito à linguagem, a seus equívocos, a sua opacidade; c) mostrar que não há neutralidade, e d) saber que a entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político”. (ORLANDI, 2003 apud MONTEIRO, 2006, p.5).

Para isso, Gregolin (1995), diz que a AD se dá pela percepção de características da enunciação no enunciado. Ela considera que pelas marcas discursivas, pode-se abstrair a AD como processo de determinação das condições de produção do texto.

Gregolin coloca como bom ponto inicial para as análises de AD, a compreensão de pessoa, espaço e tempo no discurso, que, não coincidem, obrigatoriamente com a

enunciação, como no caso do jornalismo. Dentro do universo jornalístico, a AD toma um comportamento específico no que se trata desses três elementos chave.

“Nas notícias de jornal é comum que o enunciador procure construir o efeito de objetividade e, para isso, mantém a enunciação afastada do discurso, como garantia de sua ‘imparcialidade’. Os recursos utilizados são o uso da 3ª pessoa, no tempo do ‘então’ e no espaço do ‘lá’, e o uso do discurso direto para garantir a verdade”. (GREGOLIN, 1995, p. 19, grifo do autor).

Dentro da área política do jornalismo, então, esses recursos acabam sendo utilizados com bastante frequência e, por diversas vezes, com viés proposital.

“O fato é que, de um jeito ou de outro, a Lua existe, mesmo quando não aparece no céu. Nunca se deve perder isso de vista. Entender os interesses existentes por trás dos discursos é fundamental na cobertura política”. (MARTINS, 2011, p. 63).

“Quem disse que o repórter sem opinião é isento? Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Em compensação, a cobertura feita por um repórter que não pensa será sempre medíocre, sem ponto de partida e sem rumo”. (MARTINS, 2011, p. 77).

Para dar veracidade ao texto, o jornalista se usa de um caráter persuasivo, baseado no contrato de veridicção entre ele e o público. Gregolin as classifica como estratégias discursivas, “a implicação e/ou a explicação de conteúdos, que constroem o texto por meio de pressupostos e de subentendidos” (1995, p. 20), que almejam e tomam outras consequências também alertadas por ela.

“Os fatos contados podem ganhar status de ‘coisas reais’, ‘acontecidas’, através de ilusões discursivas. Pela desembreagem interna, o narrador cede voz aos sujeitos, no discurso direto (delegação interna de voz), e obtém, assim, a ‘prova de verdade’. Por meio da ancoragem são construídos, no discurso, pessoas, tempo e espaço ‘reais’ ou ‘existentes’, que criam a ilusão de serem ‘cópias’ da realidade. Esse procedimento é típico do discurso jornalístico e do discurso histórico, em que o detalhamento das informações concorre para criar a ‘verdade do discurso’. O discurso jornalístico caracteriza-se, ainda, pela utilização de imagens que, pelo seu caráter ‘icônico’, não deixam espaço para a refutação”. (GREGOLIN, 1995, p. 19, grifo do autor).

Além das marcas, Gregolin alerta para outra estratégia, o subentendido, que relata algo sem tomar responsabilidade por dizê-lo, porque não diz diretamente. Porém, a compreensão do subentendido dependerá de um “conhecimento partilhado” entre o enunciador e o enunciatário, o que está diretamente ligado ao contexto sócio-histórico.

METODOLOGIA

A pesquisa presente se enquadra como estudo descritivo, por visar traçar comparativo entre o diferente manejo e o teor de elementos internos e externos à realidade

pesquisada, o jornalismo pernambucano, através da repercussão de casos específicos em jornais locais.

Para concretizar o projeto, são necessárias as matérias sobre os eventos de corrupção estudados e o seus teores. Para obtenção de tais informações, realizar-se-á clipagem através da ferramenta de pesquisas Google e dos portais virtuais dos jornais DP, JC, SP e RJ; e o método analítico para obtenção de dados relacionados ao teor é a AD, cuja consistência teórica e explanação se encontram supracitadas no “marco teórico”. A escolha da AD como método da análise se deu pelas características do objeto analisado. O *corpus*, assume um caráter linguístico e subjetivo, carecendo de um método analítico que alie a escrita a elementos sócio-históricos, sendo, para tal função, a AD, a metodologia mais indicada.

A amostra estudada será um universo de matérias publicadas no dia da deflagração de dois escândalos de corrupção, relacionadas ao tema, nas quais o nome de Eduardo Campos foi mencionado, em cada um dos jornais analisados. Os escândalos estudados serão o depoimento do ex-doleiro Alberto Youssef, em três de março de 2015 e a denúncia de lavagem de dinheiro nas campanhas de Eduardo Campos, em 21 de junho de 2016.

A pesquisa não visa compreender a imagem Eduardo Campos no luto *post-mortem*; não almeja analisar sua imagem na mídia nacional usando-a apenas como “amostra branco”; não pretende comparar a cobertura antes e depois de sua morte; e não busca entender a consequência da morte de Eduardo ou da cobertura sobre ele. Mas ficam registradas essas lacunas da pesquisa como sugestão à comunidade científica, visando fortalecer as pesquisas em comunicação e o estudo sobre os diversos temas que podem abordar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

- Depoimento de Alberto Youssef - 03 mar 2015.

No terceiro dia de março de 2015, o doleiro Alberto Youssef prestou um depoimento à Operação Lava-Jato afirmando que Eduardo Campos teria recebido R\$10.000.000,00 de propina paga por empreiteiras durante a instalação da Refinaria Abreu e Lima, em Suape.

Sobre esse evento, citando o nome de Eduardo Campos, em 03/03/2015, o DP publicou uma matéria, intitulada “Youssef afirma que Eduardo Campos recebeu R\$ 10

milhões de propina pagos por empreiteiras”²⁰; o JC lançou uma: “Doleiro afirma em depoimento que Eduardo Campos teria recebido R\$ 10 milhões em propina”²¹; o SP, duas: “Doleiro diz que obras em refinaria geraram propina para três partidos”²² e “Acusados por delator negam a prática de crimes”²³; e o jornal RJ não disponibilizou matéria sobre esse tema no dia em seu portal citando o ex-governador, mas o blog do jornalista Ricardo Noblat, hospedado no jornal, lançou uma nota intitulada “Yousseff (sic) dá mais nomes de políticos que receberam propinas de empreiteira”. A nota do blog não será analisada por se tratar de um blog, não tendo assim, comportamento igual ao do veículo que o hospeda.

A matéria do DP tem cinco parágrafos, dos quais dois falam sobre Eduardo, o primeiro, que explica sua participação no caso e o terceiro, que traz a defesa. No primeiro há duas citações ao ex-presidenciável, uma para explicar o que Youssef declarou e uma para explicar a função da propina, “ocorreu para o governo de Pernambuco não criar dificuldades nas obras”. No quarto, há apenas uma: “a família de Eduardo Campos e o PSB afirmam repelir ‘veementemente a tentativa de envolver um a pessoa que não está mais aqui para se defender”, essa, porém, creditada a uma nota da família à SP. Ele não é referido de outra maneira no texto.

A matéria do JC se estrutura em seis parágrafos e cita o ex-governador quatro vezes. Três desses parágrafos falam da participação de Eduardo no caso. O primeiro, que o explica, o caso, o segundo, que explica seu envolvimento e o terceiro, que trata de valores. No primeiro, ele é citado uma vez para explicar a declaração de Youssef. No segundo, foram duas menções: “em seu depoimento, o doleiro afirma que Eduardo Campos teria recebido, entre 2010 e 2011, R\$ 10 milhões de propina (...) Eduardo Campos teria recebido o montante para evitar dificuldades no andamento das negociações”. E no terceiro parágrafo, são duas citações, uma ao nome e uma indireta,

²⁰ DIARIO DE PERNAMBUCO. Política. *Diario de Pernambuco*, Recife, 03 mar. 2015. Disponível em <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2015/03/03/interna_politica,563859/yousseff-afirma-que-eduardo-campos-recebeu-r-10-milhoes-de-propina-pagos-por-empreiteiras.shtml>. Acesso em 5 nov. 2017;

²¹ JC ONLINE. Política. *Jornal do Commercio*, Recife, 03 mar. 2015. Disponível em <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/politica/pernambuco/noticia/2015/03/03/doleiro-afirma-em-depoimento-que-eduardo-campos-teria-recebido-r-10-milhoes-em-propina-170541.php>>. Acesso em 5 nov. 2017;

²² FERREIRA, Flávio. Poder. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 03 mar. 2015. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1597270-doleiro-diz-que-obras-em-refinaria-geraram-propina-para-tres-partidos.shtml>>. Acesso em 05 nov. 2017;

²³ FOLHA DE SÃO PAULO. Poder. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 03 mar. 2015. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1597271-acusados-por-delator-negam-a-pratica-de-crimes.shtml>>. Acesso em 05 nov. 2017;

primeiro, chamado de “ex-governador”, a matéria cita entre quem o valor foi dividido, depois, diz que “a propina teria sido entregue a Eduardo Campos no Recife”. A matéria não cita a defesa de Campos.

Quanto às matérias da SP, a primeira fala sobre o caso e a segunda sobre as defesas. A primeira tem quatorze parágrafos e um infográfico. Eduardo é mencionado no segundo, em uma listagem de indicados por Youssef como beneficiários. Nos quatro últimos parágrafos, ele volta a ser citado, respectivamente para falar sobre o valor que foi recebido por ele, função do destacamento da propina, divisão de valores entre os beneficiados e forma de entrega da propina a Eduardo. Campos também é citado no infográfico, que explica a operação, a participação de Eduardo foi dada como: “Ex-governador de Pernambuco, morreu em 2014. Teria recebido R\$ 10 mi ‘para não criar dificuldades’ durante as obras”.

A última matéria da SP, tratando das respostas dos acusados, traz dez parágrafos, dos quais só um dedicado a Eduardo Campos, a mesma nota usada pela matéria do DP.

“Em nota, o PSB e a família de Eduardo Campos afirmam repelir ‘veementemente a tentativa de envolver uma pessoa que não está mais aqui para se defender’. ‘Todo o Brasil sabe que a obra objeto da denúncia é executada pela Petrobras, com contratos feitos pela diretoria da empresa, sem conexão alguma com o governo de Pernambuco’ (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2015).

No que tange às informações passadas sobre Eduardo, as quatro matérias se aproximam bastante, desde que se considere o par de matérias da SP como complementares, diferenciando-se basicamente pela ausência da defesa de Eduardo na matéria do JC. Porém, outros pontos são dignos de destaque.

Apesar do envolvimento de outros pernambucanos, o deputado Eduardo da Fonte (PP) e o ex-senador falecido Sérgio Guerra (PSDB), a matéria do DP tem um primeiro parágrafo exclusivo para Eduardo Campos. Nesse sentido, JC apresenta, já de início, Eduardo Campos como “morto em um desastre” e ressalta a morte de Sérgio Guerra, enquanto o DP apenas cita a morte de Eduardo e sequer menciona a de Sérgio Guerra. A SP, cita ambas as mortes na primeira matéria e as ausenta na segunda, mas apenas as coloca com o termo “morte” e a data, não especificando “acidente, como fez o DP, muito menos desastre, como fez o JC. Ainda é válido ressaltar que a primeira aparição do nome de Eduardo Campos na SP só acontece, respectivamente, no segundo e no quarto parágrafo, nas duas matérias.

Também vale pontuar a titulação, que destaca exclusivamente Eduardo Campos como envolvido nos jornais locais, mas sequer o cita na SP, que, em um destaca “três partidos” como envolvidos e em outra cita “acusados”. Uma aplicação terminológica também chama atenção, enquanto DP e SP colocam como o delator tendo afirmado que Eduardo “recebeu”, no pretérito perfeito, o JC traz um efeito de possibilidade, através do uso do participio.

- Denúncia de lavagem de dinheiro nas campanhas - 21 jun 2016.

Em 21 de junho de 2016, a Polícia Federal deflagrou a Operação Turbulência, que investigou um suposto esquema de corrupção e lavagem de dinheiro em Pernambuco e Goiás. Esse esquema teria sido utilizado como fonte de recursos para as campanhas de Eduardo ao governo estadual em 2010 e à Presidência em 2014. Nesse dia, foram presos os donos do avião que caiu em 13 de agosto de 2014, vitimando, entre outras seis pessoas, Eduardo.

Naquele dia, sobre essa operação, citando Eduardo Campos, o DP publicou duas matérias, intituladas “PF detalha prisões da Operação Turbulência”²⁴ e “PSB sai em defesa de campanha de Eduardo Campos”²⁵. O JC, lançou três matérias: “PF descobre esquema de lavagem de dinheiro a partir de avião que transportava Eduardo Campos”²⁶, “Compra de avião que transportava Eduardo Campos foi feita por empresas fantasmas, diz PF”²⁷ e “PSB afirma que campanha de Eduardo Campos não cometeu ato ilícito”²⁸. A SP publicou duas notícias: “Esquema envolvendo avião pode ter irrigado chapa Campos-Marina, diz PF”²⁹ e “Donos de jato em que morreu Campos são presos por

²⁴ DIARIO DE PERNAMBUCO. Política. *Diário de Pernambuco*, Recife, 21 jun. 2015. Disponível em <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2016/06/21/interna_politica,651437/pf-detalha-prisoesda-operacao-turbulencia.shtml>. Acesso em 5 nov. 2017;

²⁵ DIARIO DE PERNAMBUCO. Política. *Diário de Pernambuco*, Recife, 21 jun. 2015. Disponível em <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2016/06/21/interna_politica,651483/psb-nega-qualquer-ilicito-na-campanha-de-campos-a-presidencia-em-2014.shtml>. Acesso em 5 nov. 2017;

²⁶ JC ONLINE. Política. *Jornal do Commercio*, Recife, 21 jun. 2015. Disponível em <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/politica/nacional/noticia/2016/06/21/pf-descobre-esquema-de-lavagem-de-dinheiro-a-partir-de-aviao-que-transportava-eduardo-campos-241021.php>>. Acesso em 5 nov. 2017;

²⁷ JC ONLINE. Política. *Jornal do Commercio*, Recife, 21 jun. 2015. Disponível em <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/politica/nacional/noticia/2016/06/21/compra-de-aviao-que-transportava-eduardo-campos-foi-feita-por-empresas-fantasmas-diz-pf-241065.php>>. Acesso em 5 nov. 2017;

²⁸ JC ONLINE. Política. *Jornal do Commercio*, Recife, 21 jun. 2015. Disponível em <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/politica/nacional/noticia/2016/06/21/psb-afirma-que-campanha-de-eduardo-campos-nao-cometeu-ato-ilicito-241130.php>>. Acesso em 5 nov. 2017;

²⁹ CAVALCANTI, Jorge. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 21 jun. 2015. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/06/1783924-esquema-envolvendo-aviao-pode-ter-irrigado-chapa-campos-marina-diz-pf.shtml>>. Acesso em 5 nov. 2017;

suspeita de crime fiscal”³⁰. Por fim, RJ disponibilizou duas matérias “Para PF, esquema criminoso financiou campanha de 2010 de Eduardo Campos”³¹ e “Empresa alvo da Operação Turbulência também está no radar da Lava-Jato”³².

As matérias do DP são, respectivamente uma explanação sobre o ocorrido e a defesa do PSB. Na primeira, com nove parágrafos, Eduardo é citado pela primeira vez no quarto, apenas como vítima do acidente com o avião. Ele volta a ser mencionado no sexto, dessa vez como membro da campanha para a qual o senador Fernando Bezerra Coelho (PSB/PE) recolheu fundos. Por fim, no último parágrafo, Campos é citado duas vezes, dentro da nota de defesa de FBC. Assim, a primeira matéria sobre o caso trata a suposta captação ilegítima de dinheiro pela campanha de Campos apenas como ilustração para a denúncia contra o senador FBC e usa o ex-governador apenas como passageiro do avião.

Já a segunda matéria do DP tem sete parágrafos com oito citações a Campos. No primeiro parágrafo, ele é o objeto de confiança por parte do PSB. No segundo, seu nome aparece duas vezes em nota oficial do partido, uma das quais afirmando “ter plena confiança na conduta do nosso querido e saudoso Eduardo Campos, ex-presidente e ex-governador de Pernambuco”, além de reiterar sua idoneidade na outra. No parágrafo seguinte, ele volta a ser citado, dessa vez como passageiro do avião da investigação. E, nos dois últimos parágrafos, que tratam de FBC, Eduardo Campos foi citado quatro vezes, as mesmas três finais da matéria anterior, e uma vez em nota da delegada Andréa Pinho, que explica a participação de FBC no caso. Assim como na primeira matéria, Eduardo Campos só é citado de maneira genérica, com sua defesa sendo posta quase que sem acusação.

No JC, são três matérias, uma trata da Operação Turbulência, uma é específica sobre a compra do avião e outra tem a defesa do PSB. A primeira tem nove parágrafos, dos o primeiro faz referência a Eduardo Campos, apenas para especificar qual o avião de que se fala. Além disso, ao final, dois parágrafos relembavam a história do acidente envolvendo o político, apenas em uma contextualização, aí o nome de Eduardo é citado duas vezes. Na matéria sobre a compra do avião, a situação é similar, dos oitos parágrafos,

³⁰ MASCARENHAS, Gabriel. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 21 jun. 2015. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/06/1783838-operacao-da-pf-mira-em-donos-do-aviao-em-que-morreu-eduardo-campos.shtml>>. Acesso em 5 nov. 2017;

³¹ O GLOBO; G1. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 jun. 2015. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/para-pf-esquema-criminoso-financiou-campanha-de-2010-de-eduardo-campos-19548936>>. Acesso em 5 nov. 2017;

³² ONOFRE, Renato. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 jun. 2015. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/empresa-alvo-da-operacao-turbulencia-tambem-esta-no-radar-da-lava-jato-19552039>>. Acesso em 5 nov. 2017;

apenas o primeiro e o último o citam, duas vezes cada. O primeiro utiliza Eduardo para fins de contextualização, especificando o avião que se trata e lembrando a data de sua morte. O último parágrafo é idêntico ao penúltimo da matéria anterior, apenas para contextualização do acidente. Assim como no DP, a presença de Eduardo Campos no esquema é posta de maneira genérica, em mais uma defesa sem acusação.

A última matéria do JC, consiste em cinco parágrafos mais a nota do PSB na íntegra. Entre os quatro primeiro parágrafos, há seis referências a Eduardo. O primeiro parágrafo traz uma referência contextualizando porquê de o PSB ter se pronunciado. O segundo parágrafo traz dois cortes da nota, ambas citando o ex-governador, um dos quais o já citado na explanação sobre a matéria do DP. O terceiro parágrafo traz o nome de Eduardo duas vezes, em uma pequena listagem das eleições recentes do PSB, com a reeleição e Campos e sua candidatura presidencial ao lado de Marina Silva. Por fim, o penúltimo parágrafo tem uma nota do prefeito do Recife, Geraldo Júlio (PSB), reafirmando sua confiança na campanha eduardista. Relembrando, a nota do PSB cita Eduardo Campos duas vezes e é apresentada ao final.

A SP fez, duas matérias. Uma apresenta o caso e outra fala da prisão dos donos do avião. A primeira tem 26 parágrafos. No primeiro, Campos é citado duas vezes para contextualizar o avião e falar de suas campanhas como receptoras de verba, o que, nos jornais locais nunca ganhou destaque de *lead* ou foi bem explanado. No terceiro parágrafo, cita-se “ex-governador” para esclarecer que os presos eram os donos do avião. O quarto e o quinto parágrafos trazem uma menção a Campos cada, citando suas campanhas como beneficiadas no esquema, sendo o quinto através de aspas da responsável pela operação. No décimo parágrafo, Campos não é citado, mas suas campanhas sim, dizendo que podem não ter sido as únicas beneficiadas. Depois de alguns parágrafos sobre as prisões, o 16º parágrafo relembra a morte de Eduardo, citando-o duas vezes, uma pelo nome e uma como “candidato à Presidência da República”. No 19º parágrafo Eduardo é citado em aspas de Marina Silva, que disse que a logística dele era de responsabilidade do PSB. No 22º parágrafo, a nota do partido, que rendeu uma matéria completa em DP e JC é reduzida a uma frase: “O Diretório Nacional do PSB divulgou nota em que diz ‘ter plena confiança na conduta do nosso querido e saudoso Eduardo Campos’”. O 23º parágrafo tem Eduardo através de FBC, que afirmou não ser operador de sua campanha. Por fim, o último parágrafo cita Eduardo ao dizer que sua família não se

pronunciaria. Assim, são onze menções a Eduardo Campos além de uma às suas campanhas nos 26 parágrafos do texto.

A segunda matéria da SP é menor, tem nove parágrafos. Eduardo Campos é citado no segundo, como objeto de identificação da aeronave e nos dois penúltimos, que tratam, respectivamente de sua morte e de sua sucessão na campanha presidencial.

Sobre o caso, o RJ publicou duas notícias, uma sobre a Operação Turbulência e uma sobre a empresa Câmara e Vasconcellos, investigada por essa e pela Operação Lava-Jato. A primeira tem nove parágrafos e cita, já no primeiro, Eduardo Campos para identificar o avião. No último parágrafo, Campos volta a ser citado, através da nota do PSB defendendo sua idoneidade. Apenas três citações, nenhuma das quais ao envolvimento das campanhas de Eduardo Campos com o caso, o que só é posto na matéria seguinte. Essa, por sua vez, tem seis parágrafos, Eduardo já é citado no primeiro para identificar a aeronave. Ele só volta a ser citado no último parágrafo, onde o RJ vai, efetivamente comentar a relação entre sua campanha e o caso. O parágrafo cita Eduardo por duas vezes, a primeira, novamente, para identificar a aeronave, e só na última frase, coloca que “segundo a PF, o esquema financiou a campanha de reeleição do então governador de Pernambuco, em 2010”.

No que tange às informações, as diferenças são claras. A relação entre as campanhas de Eduardo e o esquema de propina são apenas citadas no DP como elemento da argumentação de Fernando Bezerra Coelho e sequer comentadas no JC, que também não cita o nome do senador em nenhuma das matérias. No RJ, as duas matérias não enfocam e Eduardo Campos, com essa relação também não sendo feita até a linha final da segunda reportagem, em um dos pontos de menor atenção do texto por parte do leitor. Já na SP, o tema foi posto desde o *lead*, ponto de maior atenção do texto e no título, de grande exposição, mas o polêmico tema foi evitado pelos outros três jornais.

Além disso, a nota oficial institucional do PSB, reiterando a confiança em Eduardo e afirmando sua idoneidade, teve grande destaque nos jornais locais, apesar de ser uma nota em defesa da acusação de irregularidade nas campanhas, que foi uma acusação omitida pelos jornais locais. A SP usou apenas uma frase da nota, dando voz sem fazer publicidade. O RJ não publicou a nota, o que é coerente ao pouco que se falou sobre a acusação. Além da nota do PSB na íntegra, o JC ainda publicou uma nota do prefeito do Recife, Geraldo Júlio, um dos líderes do partido no estado e aliado político de Eduardo.

Outro ponto é o caráter ilustrativo que Eduardo Campos ganha nos jornais locais, sendo tratado, apenas, como a vítima do acidente, com finalidade de identificação da aeronave.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todo o analisado, deve-se discorrer individualmente sobre cada jornal, a começar pelo Diário de Pernambuco. O DP traz, no primeiro caso, um Eduardo Campos protagonista da delação, mais importante no caso que todos os demais, digno de título de matéria, mas protegido pela imagem do “morto no acidente”. Já no segundo caso, o papel de Eduardo é o de vítima arrastada dentro de um caso de corrupção com o qual tem pouca relação. Sua ligação é omitida e sua defesa é exaltada.

O Jornal do Commercio (JC) tem uma posição ainda mais clara que o Diário. O jornal toma uma atitude parecida, com o destaque ao nome de Campos, mas defende pela comoção, ao lembrar como “desastre” do acidente e troca as acusações do pretérito para o indicativo, criando um efeito maior de possibilidade. No segundo caso, Eduardo não é posto, de maneira alguma, como beneficiado pelo esquema, apenas como passageiro do avião. Sua defesa é ainda mais exaltada que no DP.

A Folha de São Paulo (SP) não põe Eduardo como protagonista do primeiro caso, como fizeram os jornais locais. Seu nome demora a aparecer nas matérias, que são sobre o depoimento, não sobre o nome de Campos nele. Já na segunda matéria, assim como nos jornais locais, a situação se inverte, com Eduardo sendo um dos grandes beneficiados de um esquema, merecendo, até, seu único título na Folha, dentre as matérias analisadas. A morte não faz defesa, as acusações são apresentadas e a defesa é colocada sem abuso.

O Globo (RJ) não tem análise primária. Sobre o segundo, Eduardo é apresentado em um intermédio dos dois cenários, com sua acusação sendo posta, mas sem alarde, sem defesa direta. Sua acusação toma caráter secundário frente à nova operação, mas se faz presente.

Em suma, Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio não apresentaram, em nenhum aspecto primordial, similaridade às amostras branco nas coberturas analisadas. Pode-se dizer que os jornais locais tomaram atitudes potencialmente protecionistas, principalmente o JC.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso, Princípios e Procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2001.

GREGOLIN, Maria V. **A análise do discurso: conceitos e aplicações**. ALFA: Revista de Linguística, v. 39, 1995 - A análise do discurso. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/107724>> Acesso em 13 out 2017.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo Político**. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

MONTEIRO, Sandra L. et al. **A análise do discurso e questões sobre a linguagem**. Revista X, [S.l.], dez. 2006. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/5424/5222>>. Acesso em: 15 out. 2017.